

# A ORIENTAÇÃO VOCACIONAL COMO UM PROCESSO SOCIAL DE DESENVOLVIMENTO

Artigo de revisão de literatura elaborado pela autora com base num trabalho de licenciatura para a disciplina de Psicologia da Orientação Vocacional (2006), do Curso de Psicologia, área de Consulta Psicológica de Jovens e Adultos, pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal

**Marta Alexandra Pinto dos Reis**

Psicóloga pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal. Mestranda em Consulta Psicológica de Jovens e Adultos pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Formadora.

Email:

[reis.map@gmail.com](mailto:reis.map@gmail.com)

---

## RESUMO

A orientação vocacional e profissional tem tido uma parte activa no desenvolvimento educacional, e tem sido alvo de uma evolução que assume uma relação cada vez mais estreita com a intervenção psicológica, patenteando, ao longo do tempo, a necessidade de uma visão não só informativa, e construtivista, mas também desenvolvimental e ecológica, abarcando todos os contextos de vida do cliente. Esta evolução é detentora de um grande potencial, dado que também traz consigo um maior leque de possibilidades de modos e campos de intervenção na área da orientação. O projecto pessoal e social que esta representa requer não só exploração e investimento, mas também a exploração contínua e integrada desse investimento, porque também este projecto cria desenvolvimento.

**Palavras-chave:** Orientação vocacional, desenvolvimento, exploração, investimento, educação

---

A orientação vocacional não é só um processo de desenvolvimento pessoal, educacional e social, como também continua a ser alvo constante de alterações, adaptativas às mudanças de pensamento da sociedade em que estamos inseridos, sendo por isso ela própria, ao mesmo tempo, fruto e criadora de um processo de crescimento, progresso, e integração. As perspectivas que sustentam a base teórica da orientação vocacional alteraram-se. No entanto, as técnicas mais tradicionais não se tornaram completamente obsoletas, pois quando convenientemente utilizadas e exploradas podem apresentar uma prestação significativa. Importa antes de mais perceber que

este é um processo pessoal e social de desenvolvimento do indivíduo, com e para ele, devendo este ser o principal motor de funcionamento do processo (salvaguardando a importância da posição do psicólogo em momentos chave). A perspectiva construtiva, desenvolvimental e ecológica, é por isso uma base de trabalho abrangente, que não perde os principais contextos de vista, pois muito há para além do indivíduo e do psicólogo.

### **A Orientação como Resultado – a Perspectiva Informativa**

De acordo com Campos (1976), a orientação dos indivíduos, aquilo em que se tornam do ponto de vista da formação profissional, é resultado do processo educativo global, que parte por si própria de um resultado, visando atingir um outro resultado. Este produto é portanto uma intervenção na orientação, isto é, reorientação (Campos, 1991), que pode ser considerada a vários níveis, tais como a distribuição da população activa, a igualdade de oportunidades, e ainda o itinerário individual.

A primeira fase de orientação segundo Law (Campos, 1992) corresponde ao “emparelhamento” das características do indivíduo, com os requisitos das actividades profissionais. Tal pressupõe a descoberta de um trajecto pré-determinado para o indivíduo, que tanto pode ser pontual como contínuo, tratando-se neste último caso do conceito de vocação (Campos, 1980). Como estratégia utiliza o exame psicológico e a sessão de informação, sendo que a primeira tem como função auxiliar o conhecimento de si próprio, o conhecimento do sistema em que o indivíduo se insere. Deste ponto de vista a orientação pretende apenas ajustar o projecto pessoal do indivíduo ao projecto social no qual está inserido, impondo-lhe uma passividade e inquestionabilidade para com o próprio processo de orientação, de modo que acaba por se afastar da auto-orientação que preconiza (ibid.). O que demarca o papel da informação nesta composição, dado ser fonte de discussão relativamente ao seu emprego na orientação, em caso isolado note-se, já que diminui a diferenciação vocacional (Campos, 1992), em geral, em contexto de intervenção a informação é vista como uma tentativa de que as pessoas adoptem constructos previamente fornecidos.

### **A Orientação como Intervenção – a Perspectiva Construtivista**

No novo modelo estima-se que se o indivíduo seguir a sua vocação será bem-aventurado e por isso dará à sociedade o seu melhor contributo; esta intervenção é de natureza educativa (Campos, 1980), apelando a uma confrontação entre o indivíduo e a sociedade, e tratando de maneira cognitiva a integração realizada pelo cliente e não pelo profissional de orientação.

O aparecimento desta nova perspectiva decorre duma evolução nas teorias do comportamento vocacional, evidenciando o processo de construção histórico-social do indivíduo e da sua relação com as tarefas vocacionais; sendo os interesses profissionais resultantes desse mesmo processo. Naturalmente, o estabelecimento de uma relação adequada com o psicólogo, isto é, a criação de um contexto interpessoal seguro, torna-se portanto numa condição fulcral para estimular o questionamento afectivo-cognitivo dos investimentos actuais do indivíduo, e das acções decorrentes destes (América, Salgado e Coimbra, 1992).

No entanto, este modelo não supera em tudo o anterior, sendo portanto detentor de algumas falhas ainda não ultrapassadas. A determinação da vocação do indivíduo é exemplo da comprovação de que ainda se confirma a história socialmente diferenciada de cada indivíduo sem qualquer interferência de forma sistemática (Campos, 1980); é também menosprezada a influência das relações do indivíduo com as diversas instituições com que se relaciona; e apenas propõe que se acrescentem objectivos de desenvolvimento vocacional aos objectivos já existentes (ibd.).

#### *Projecto pessoal vs. Projecto social*

Este novo modelo não tem em linha de desenvolvimento as pressuposições que o projecto social tem no pessoal, para que por sua vez ocorra o contrário, o que se desdobra na ideia de que o itinerário vocacional é escolhido por outros e há limites e possibilidades para o próprio projecto pessoal que são determinados socialmente. Parece mesmo considerar elaborar um projecto pessoal moldado pelas exigências do projecto social vigente tido por incontestável (ibd.).

#### *Estratégias instrutivas ou de exploração reconstrutiva?*

O indivíduo carece de informações não só sobre si próprio mas sobretudo acerca do mundo profissional, e sejam fornecidas directamente, ou não, o seu papel é essencial. É claro que partindo de estratégias aprendidas através de processos de ensino-instrução, se deve iniciar um processo racional de decisão. Toda a documentação sobre o mundo do trabalho e os testes são meios para essa mesma informação. Tal não é de todo incompatível, mas complementar com os ingredientes das estratégias de exploração reconstrutiva que visam a articulação da experiência de acção com a sua integração, não esquecendo que este processo deve decorrer sempre no contexto de uma relação interpessoal significativa (Campos e Coimbra, 1991).

## **A Orientação como um Processo Social de Desenvolvimento – a Perspectiva Construtivista, Desenvolvimental e Ecológica**

A orientação vocacional através de uma perspectiva psicológica que dá prioridade à relação entre o sujeito e o mundo tomou novo lugar dianteiro no aparecimento de uma nova perspectiva, que permite a integração das várias dimensões do exercício psicológico que interferem no processo vocacional. Esta relação que agora toma o lugar primordial tem tanto de afectivo como de cognitivo, sendo por isso indissociável da actividade. No seguimento desta ideia, o conhecimento deixa de ser a dimensão dianteira da relação para tomar o lugar de indicador das possibilidades desta (ibd.).

### *A dimensão psicológica da formação pessoal e social*

Esta perspectiva é antes de mais desenvolvimentista, defendendo que a dimensão vocacional pode ser vista como a realização das várias dimensões do desenvolvimento psicológico (Campos in Campos e Coimbra, 1991), sendo indispensável que o indivíduo atinja determinados estádios de desenvolvimento cognitivo, emocional, interpessoal, moral e psicosexual, resumidamente, de identidade, para que responda de maneira adequada e capaz ao desenrolar do desenvolvimento vocacional. É por a formação pessoal e social ter uma dimensão tão vincada que determinados requisitos da estrutura dos objectivos da orientação se tornam em elementos chave, tais como: a) o conhecimento de si próprio, b) o conhecimento dos sistemas de oportunidades de formação e de profissão, c) a aprendizagem do processo de tomada de decisão (Campos e Coimbra, 1991).

### *Exploração e investimento – inter-relação ou correlação?*

A exploração e o investimento apoiam a visão desenvolvimental do funcionamento psicológico-vocacional, uma vez que estes dois processos psicológicos se avocam como geradores de reorganizações do sistema pessoal (Campos e Coimbra 1991), tornando-se o objectivo das intervenções, que visam a preparação e execução de projectos vocacionais: *a exploração do investimento*. A eficácia das intervenções dependerá sobretudo do grau de consideração da relação actual do sujeito com o mundo (Campos e Coimbra, 1991). É de notar que desequilíbrios e reorganizações sucessivas estão presentes ao longo do processo, não sendo detentores de carácter disruptivo mas adaptativo, no sentido que criam reformulações com a sua relação com o mundo, o que leva a uma vertente bastante significativa do processo que é criar momentos de integração. Os investimentos vocacionais deverão portanto articular-se com

investimentos nos restantes papéis da existência, já que ter em conta estas articulações na execução dos investimentos é um indicador da qualidade desenvolvimental das estruturas psicológicas (América, Salgado e Coimbra, 1992).

Também de carácter ecológico se reveste a exploração e o investimento, indissociando-se mutuamente pela qualidade vocacional que é antes de mais resultado dos contextos de vivências do indivíduo. Esta díade, sujeito e meio, para além de dinâmica, constitui uma relação de investimento, na qual o conhecimento resulta da acção pessoal e não da transmissão exterior. Isto é, interagindo fora dos ghettos surge a possibilidade de amplificar as concepções de cada um, daí que a promoção de ocasiões de integração fora dos ghettos seja um propósito da orientação segundo os parâmetros desta perspectiva.

### *O comportamento vocacional e o planeamento da intervenção*

O comportamento vocacional não deve ser visto como o único aspecto que merece particular atenção no processo, também o é a entrada efectiva num emprego, a posição que o indivíduo ocupa na estrutura social, e a configuração da sociedade resultante da distribuição profissional (Campos, 1976). Pois para aceder aos significados que o indivíduo atribui às componentes visadas é necessário trabalhar com as estruturas psicológicas que por si são instrumentos para a construção dos significados pessoais (Coimbra, Campos e Imaginário, 1994).

A intervenção baseia-se por isso na concepção de um projecto que é construído em parceria pelo cliente e pelo psicólogo, podendo deste modo ser descrito pelas seguintes elementos: a) objectivos do processo; b) preparação para o processo de exploração; c) confrontação com as oportunidades sociais; d) acção orientada e avaliação; preparando o cliente para compromissos e desafios (ibd.).

Esta é portanto uma nova visão que repensa a vertente meramente cognitiva da escolha vocacional, reformulando a importância de expressões como “tomada de decisão” retirada de Imaginário e Campos (1987), já que esta escolha constitui um processo cumulativo, contínuo, e não algo a ser determinado num momento específico (Campos e Coimbra, 1991).

### *A escola e o profissional da orientação*

Os programas educativos sofreram alterações fortemente demarcadas entre as fases liberal e radical (Campos, 1976), deste modo, segundo a primeira concepção a escola apresentava um papel um tanto ao quanto passivo, tendo como função pôr à disposição de todos circunstâncias análogas para expandir as suas competências, cabendo ao aluno aproveitar as possibilidades

oferecidas. Sempre presente a ideia de que incumbe à escola assegurar a todos o acesso aos recursos educativos e oferecer-lhes um tratamento idêntico independentemente da sua classe social. No entanto, quando se confina a certificar um trato igual para todos, não é conseguida uma garantia de que os vários grupos sociais tenham oportunidades equitativas de êxito. Na óptica radical surgem as estratégias de educação compensatória, escola única articulada, e educação recorrente, para alcançar o objectivo de tornar a educação num processo que se estenda a todos os contextos de vida do indivíduo.

A pertinência de um profissional específico no âmbito da orientação, parece não ser bem acentuada pelas duas primeiras perspectivas e tal pode talvez ser explicado, exactamente por esta tónica colocada no fornecimento de informação. No entanto, Campos (1980) refere a importância da existência de uma figura de educador ou responsável por programas específicos de orientação vocacional que além dos professores, através dos seguintes parâmetros: a) a incompatibilidade de determinadas funções de orientação com a de professor; b) o desenvolvimento da atitude crítica em relação ao projecto social para o indivíduo dificilmente poderá ser promovido pelos professores que estão a executar o mesmo projecto; c) a ampliação do campo da orientação; d) o tempo e a preparação exigidas pela intervenção em situação de crise vocacional. Certo é que o profissional da orientação, desde professor, conselheiro, a psicólogo escolar já percorreu um longo caminho num breve espaço de tempo, e continua a ser o principal apoio em problemas como: a) orientação escolar e profissional, b) insucesso e dificuldades de aprendizagem, c) relacionamento interpessoal, no grupo de pares ou com adultos, d) comportamento e agressividade, (Imaginário e Campos, 1987). Foram criadas contudo linhas de actuação para o psicólogo de orientação vocacional, de acordo com diferentes perspectivas.

*O especialista*, segundo Coimbra (1991), detentor de um saber autónomo, tem como consequências resultantes da sua concepção a) o aumento da diferenciação e clivagem de áreas de actuação entre psicólogos e professores, b) subestimar a importância da relação entre os diferentes profissionais, c) a legitimação de determinadas técnicas ditas científicas, descurando a dimensão ética, d) a relação de poder e de dependência que se instaura.

*O colaborador*, já prevê algumas vantagens na acção do psicólogo, fruto da perspectiva colaborativa (ibid.): abordagem multidimensional dos problemas humanos; valorização da relação interpessoal; discussão de questões éticas e ideológicas; ênfase no seu carácter emancipatório e melhoria da eficácia. O psicólogo define-se portanto como um profissional da educação cuja intervenção se desenrola a par de outros profissionais da educação.

### *Educação psicológica*

Educação psicológica é retratada como impulsionadora do processo pessoal da orientação vocacional no plano social, e segundo Campos (1980), esta concepção pressupõe que o crescimento é um processo histórico-social aberto a várias possibilidades, e que o sistema psicológico é influenciado por todos os outros e viceversa. Sendo assim, a prevenção de momentos de crise em vez da intervenção só nesses momentos de carácter remediativo, encaminha a dimensão vocacional do indivíduo, no sentido de possibilitar a prevenção da indecisão ou o desprendimento no seguimento da vontade dos outros (ibd.). A promoção do desenvolvimento humano através da consulta psicológica como intervenção educativa justifica-se, então, não apenas quando se vivem crises, mas também quando as soluções antigas já não se adequam, ou simplesmente de acordo com o objectivo de facilitar a emergência de comportamentos mais autónomos (Imaginário e Campos, 1987).

*Novos palcos de actuação*, são por isso a aspiração da educação psicológica, já que a educação escolar deve proporcionar o desenrolar da capacitação para a resolução dos problemas de vida, não bastando para tal a aquisição dos saberes proporcionada pelas disciplinas tradicionais, há que instruir e socializar. De acordo com Campos (1990), existem quatro estratégias globais para operacionalizar a área de formação pessoal e social: formação transdisciplinar, área-escola, espaço curricular disciplinar, e actividades de complemento curricular. Actualmente podem tornar-se, devido à sua obrigatoriedade, num terreno de implantação privilegiada de objectivos educativos e desenvolvimentais, implicando a colaboração entre psicólogos e professores (Coimbra, 1991), como no caso da disciplina de desenvolvimento pessoal e social ou educação cívica.

## **CONCLUSÃO**

A intervenção psicológica tem por referência o desenvolvimento humano, e sendo a orientação vocacional uma vertente das múltiplas possibilidades da intervenção psicológica, enuncia-se, por si só, como um processo social de desenvolvimento.

A orientação vocacional é detentora de uma importância multi-contextual na vida do indivíduo, e não apenas nos domínios da formação escolar ou profissional. Como tal, salienta o peso do profissional de orientação, e a elaboração de uma perspectiva desenvolvimental e ecológica, e no seu limite psicológica. Nenhuma área deixa a outra impune à mudança, um problema vocacional pode rapidamente converter-se num problema pessoal-emocional, e viceversa, o que realça ainda mais a importância da educação psicológica, especialmente no

contexto vocacional, tendo em conta determinadas transições específicas da idade escolar. Afinal, tal como John Dewey afirmou: *“A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida.”*



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

América, J., Salgado, J., & Coimbra, J.L. (1992). *Uma proposta construtivista de intervenção na orientação vocacional*. II Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, Braga, 29, 30 Nov. e 1 Dez.

Campos, B. (1976). *Educação sem selecção social: Análise crítica da orientação e avaliação contínuas*, Lisboa: Livros Horizonte (cap. II, pp.49-74; discussão dos cap. III e IV, pp.95-99 e 124-133)

Campos, B. (1980). *Orientação Vocacional no Unificado e Formação de Professores*. Lisboa: Livros Horizonte (capítulos 1 a 3, pp 15-60).

Campos, B. (1980). Orientação Vocacional numa perspectiva de intervenção no desenvolvimento psicológico. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XVI, 195-230.

Campos, B.(1990). O psicólogo e o desenvolvimento pessoal e social dos alunos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 6, 83-95.

Campos, B. (1991). A intervenção para o desenvolvimento vocacional. In *Educação e desenvolvimento pessoal e social*. Porto: Ed. Afrontamento (cap. VI, 133-141 na 2ª edição de 1997).

Campos, B. (1992). A informação na orientação escolar e profissional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 8, 5-16.

Campos, B. & Coimbra, J. (1991). Consulta psicológica e exploração do investimento vocacional. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 7, 11-19.

Coimbra, J.L., (1991). O psicólogo face aos outros profissionais da educação: Reflexões sobre a consultadoria psicológica. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 7, 21-26.

Coimbra, J.L., Campos, B., & Imaginário, L. (1994). *Career intervention from a psychological perspective: Definition of the main ingredients of an ecological-developmental methodology*. 23<sup>rd</sup> International Congress of Applied Psychology, Madrid.

Imaginário, L. & Campos, B. (1987). *Consulta Psicológica Vocacional em Contexto Escolar*. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 3, 107-113.